



keim e parentesco: reflexões sobre uma categoria cultural de colonos teuto-brasileiros*

Ellen F. Woortmann**

"Errar não é ruim."
"Sag' mir von wem Du bist, so sage
ich dir wer Du bist."

RESUMO – Neste trabalho, analisa-se a categoria cultural *Keim*, que pode ser traduzida como "princípio germinativo". Essa categoria classifica pessoas, através de famílias, definindo-as como casáveis e não-casáveis, segundo sejam portadoras de um "*Keim bom*" ou de um "*Keim ruim*". Nas representações do grupo estudado – colonos de origem alemã no Rio Grande do Sul – o *Keim* corresponde à "seiva" da árvore genealógica através da qual as famílias se organizam em Casas-tronco. Essa categoria é fundamental para que se entendam as trocas matrimoniais, isto é, as possibilidades de aliança, assim como a endogamia do grupo. Pelos princípios opostos, *Keim forte* e *Keim fraco*, os colonos explicam sua decadência atual assim como a redução generalizada do número de filhos.

Os estudos de parentesco sempre foram centrais no decorrer de toda a trajetória do pensar antropológico, sendo mesmo, em certos momentos, identificáveis com ele. Constituem a *corner stone*, à qual direta ou indiretamente estão associadas as principais teorias desenvolvidas. Em todo esse período importantes redefinições ocorreram. Do estudo do parentesco em si mesmo, substantivado, tornaram-se o fundamento sistêmico de uma "ciência antropológica" segundo um paradigma naturalista. Do "naturalismo" funcionalista, o parentesco tornou-se a base de uma teoria da sociedade como sistema de comunicação e trocas, tal como na formulação estruturalista de Lévi-Strauss, ou passou a ser visto como um sistema simbólico, parte de sistemas simbólicos mais amplos. Alternativamente foi construído como "linguagem" expressiva de relações concretas, políticas ou econômicas, como em Leach e Godelier.

* Este artigo foi apresentado na sessão do Grupo de Trabalho *Sexualidade e Reprodução*, coordenado por Maria Andréa Loyola, no V Encontro Nacional da ABEP, realizado em outubro de 1986, em Águas de São Pedro (SP), (N.E.)

** Universidade de Brasília

Pensados "classicamente" como a espinha dorsal da estruturação de sociedades simples, os estudos de parentesco foram gradativamente estendidos a sociedades complexas e, entre elas, as de tradição ocidental. Nesta trajetória, o estudo de grupos camponeses teve um papel central, ainda que não sejam muito numerosos quando comparados aos de sociedades simples; podemos destacar os de Bourdieu (1972, 1980), para a Argélia e França, no contexto de uma teoria da prática e da reprodução. No Brasil são poucos os estudos sobre esse tema, podendo-se citar o de Moura (1978) e dois estudos nossos (Woortmann, 1985a; 1985b), além do de Seiferth (1985) sobre padrões de herança que, se não focaliza propriamente as relações de parentesco, aproxima-se bastante das nossas considerações nos trabalhos acima mencionados. De um modo geral, os estudos do campesinato no Brasil focalizam apenas o grupo doméstico como unidade de produção e a família como constructo ideológico.

Em nossos trabalhos anteriores nos preocupamos em analisar o parentesco enquanto estruturas de reprodução social, focalizando as práticas (no sentido de Bourdieu, 1980) matrimoniais e a reprodução do patrimônio. Procuramos mostrar a relação entre trocas matrimoniais, patrimônio e a categoria cultural/estrutural "casa", para colonos teuto-brasileiros, ou "sítio", para camponeses nordestinos.

Propomo-nos agora a refletir sobre o parentesco a partir de uma categoria simbólica, isto é, a categoria *Keim*, definidora de muitas das condições nas quais se realiza o parentesco. Assim, não estamos nos preocupando somente com a lógica dos casamentos realizados, mas igualmente com a lógica dos matrimônios não realizados e das alianças evitadas. Sugerimos a possibilidade da existência de um código que informa à prática do parentesco, ainda que não seja um determinante absoluto. Se antes analisamos o parentesco enquanto prática, agora privilegiamos uma dimensão que antecede essa prática e que parece ser mais ampla que o parentesco ou as práticas informadas. Tal como Östor (1982), enfatizamos atitudes e concepções que antecedem e constroem os parâmetros que organizam o parentesco e, como propõe Madan, buscamos fundir a visão *from within* (idéias, significados) com a visão *from without* (comportamento, regras). Segundo esse autor, que parte de uma postura de Dumont (1987), a antropologia é a compreensão nascida da tensão que resulta do encontro entre essas perspectivas (Madan, 1982).

Privilegiaremos, por conseguinte, a construção cultural de categorias, atingindo, destarte, uma outra dimensão do que significa casamento, dimensão essa onde se enfatiza a relação entre pessoas e famílias, ao invés da abordagem estrutural que adotamos antes. *Keim* é uma noção que antecede outras relações que engendram o casamento, classificando famílias a partir da pergunta: "*Von wem bist Du?*" ("De quem você é?"). Dados os parâmetros étnicos e religiosos que impõem limites às possibilidades matrimoniais, o princípio do *Keim* norteia a definição de casáveis e não-casáveis.

A palavra *Keim* é definida em dicionários como significando "princípio germinativo". Ela designa germe, origem, causa e, em sua forma verbal, germinar, brotar. Dela deriva *Keimfähig* (em condições de germinar) e *Keimträger* (veículo de germinação). Entre os colonos que estudamos, *Keim* não se refere porém apenas à flora, mas seu significado estende-se



também à fauna e às pessoas (1). É importante notar que ele se refere tanto ao plano da natureza quanto ao plano da moral. Assim, alguém que “rouba no peso” numa transação com outro colono, revela provavelmente um *schlechter Keim* (*Keim* ruim) – muito embora seja legítimo roubar no peso quando se trata de uma transação com estranhos, revelando a presença de uma ética de reciprocidade na construção do “nós” e do “outro”, de forma semelhante ao analisado por Sahlins (1978). Mas uma vaca de boa raça e com bom trato que, todavia, não procria também é caracterizada por um *schlechter Keim*; um de nossos informantes referiu-se a uma pereira de seu quintal como tendo *schlechter Keim* por não produzir frutos, apesar de estar em solo fértil e bem irrigado. Nem a pessoa, nem a vaca ou a pereira correspondiam ao que delas se esperava, e todas elas foram “criadas” em ambiente favorável.

O *Keim* de uma pessoa é transmitido hereditariamente. Diz-se que está oculto no sangue: “*Es steckt im Blut*”. Mas não se trata de uma característica física, e sim moral. Equivale, de um lado, a uma espécie de carga genética, localizando-se, assim, no plano da natureza. Mas por outro lado é uma categoria da cultura, pois se refere a qualidades morais e opera na constituição de relações sociais, inclusive como critério norteador de escolhas matrimoniais. Daí a importância de se conhecer a ascendência dos futuros cônjuges; importa saber quem eram os ascendentes lineares e igualmente os *Beigeheiratet* do lado da noiva (pessoas ligadas pelo casamento à família do noivo).

A memória genealógica é muito acentuada entre os colonos que estudamos, assim como em outros grupos camponeses estáveis. Essa memória é importante para a escolha de cônjuges, pois permite saber se entre os ascendentes havia alguém com “*Keim* ruim”. No caso de casamentos entre colônias distintas, muito freqüentes, torna-se fundamental o papel do *Matchmaker*, à medida que ele é conhecedor das “árvores” das duas famílias envolvidas. Principalmente entre os informantes mais velhos, a reconstituição genealógica inclui detalhes do *Keim* de ascendentes até quatro gerações passadas.

O princípio do *Keim* classifica pessoas enquanto membros de famílias ou, mais precisamente, de troncos familiares. Um “*Keim* bom” significa a prevalência de atributos socialmente definidos como positivos, enquanto o “*Keim* ruim” revela uma natureza onde prevalecem atributos negativos, sempre segundo padrões caracteristicamente camponeses. Classificando famílias e seus membros, não se explicam atitudes isoladas de indivíduos, pois há uma diferença entre **errar** e **ser ruim**, mas remete o indivíduo à totalidade de seu tronco. O conceito de *Keim*, portanto, reafirma o caráter holístico da sociedade camponesa, por nós abordado em estudos anteriores, desde o prisma das alianças matrimoniais (Woortmann, 1985a; 1985b). Revela também, neste mesmo contexto, que o casamento não é uma questão de escolha individual. E expressa igualmente a tendência endogâmica do grupo – endogamia étnica e territorial, associada à endogamia religiosa – pois o princípio do *Keim* supõe o conhecimento da história de vida e da genealogia da pessoa. Não podendo ser aplicado a estranhos, estes são evitados como parceiros matrimoniais. A endogamia não é a consequência de escolhas matrimoniais, mas de um princípio que as antecede e que revela a preocupação com a continuidade da família.

A própria cultura do grupo concebe a família, em seu sentido mais amplo de uma descendência, como sendo uma árvore. O termo “árvore genealógica” não seria, no caso, uma imposição da cultura do antropólogo sobre a do grupo estudado. Essa árvore tem raízes, troncos, ramos e frutos. Na língua alemã, o termo “árvore genealógica” traduz-se como *Stammbaum*. A tradução literal desse termo seria, porém, um tanto distinta – *Stamm* = tronco; *Baum* = árvore. Portanto, árvore-tronco. O que se enfatiza é o tronco, isto é, um forte viés patrilinear, apesar de também se incluírem os “ramos”. Apesar de a árvore ser um conjunto, privilegia-se uma parte, o tronco. Deve-se notar ainda que o significado do modelo nativo dos colonos, onde o parentesco é concebido como uma árvore, afasta-se do significado presente nas “árvores” elaboradas por genealogistas, para descendentes de colonos urbanizados e, sobretudo, enriquecidos. Para os primeiros, o *Stammbaum* é uma parte fundamental da organização social. Para os segundos é uma reconstrução das origens germânicas e, principalmente, dos brases de ancestrais, para legitimar uma nova situação de classe com uma antiga situação de *status*. Por outro lado, enquanto os genealogistas a serviço da nova burguesia procuram a Alemanha, os colonos concentram sua memória no Brasil. Estes expressam seu “tronco” através das fotografias expostas na sala de visitas da casa, sempre de antepassados brasileiros, enquanto os burgueses cultuam uma árvore, onde são valorizados os ascendentes alemães, “esquecendo-se” da condição camponesa dos ascendentes brasileiros. Sempre que possível, exhibe-se um brasão.

Poderíamos entender o *Keim* como sendo a seiva dessa árvore, na concepção camponesa do termo.

A árvore, como um todo, corresponde ao conceito mais amplo de família, isto é, constitui a unidade maior da identidade alicerçada nos laços de parentesco. Supõe todos os descendentes de uma família de imigrantes no Brasil, mesmo quando as relações são tênues ou somente formais (2). Contudo, mesmo considerando que todos são parentes, pertencentes à mesma família, e pensados como possuindo características físicas comuns, são mais considerados os descendentes homens, chamados em ocasiões coloquiais pelo nome de família seguido do prenome, como, por exemplo, Spindler's Plínio. Já as mulheres são vinculadas a essa família através do pai, e não por si mesmas. Assim, diz-se: “*Sie ist eine Spindler's Tochter*” (“Ela é uma filha de Spindler”) ou “*Sie ist Spindler von zuhause*” (“Ela é Spindler de casa-do-pai”). As mulheres, ao contrário dos homens, que são “membros natos”, formam um contingente que está na família do pai, e passa para a família do marido, mas não passa a ser dela.

A árvore é pensada como tendo distintas partes, cada uma composta de várias gerações. Ela distribui os membros da família num sentido diacrônico que envolve uma certa hierarquia, como veremos adiante. Os membros mais antigos, localizados num tempo histórico-mítico, estão associados à raiz da árvore. São os imigrantes alemães – *die Vorfahren* (os antepassados) – pensados como os desbravadores que, em condições adversas, enfrentaram a mata e os índios, e instauraram a agricultura. Correspondem a heróis civilizadores que, vindos de outro mundo (a Alemanha), representando a cultura, enfrentaram a natureza hostil. São pensados como os “doadores” do saber trazido da Alemanha e como os recriadores de um novo saber teuto-brasileiro. A memória do parentesco envolve, todavia, uma como que “amnésia” com referência ao período imediatamente anterior à emigração a partir da Alemanha.

Esses antepassados são pensados como estando “embaixo da terra”. Por outro lado,



“perderam-se no tempo”, pois a maioria deles não possui mais túmulos (3) onde possam ser homenageados. Na falta de tal “materialidade”, honra-se a memória da família. Essas raízes são apenas parcialmente visíveis, pelos túmulos dos filhos daqueles imigrantes originais. Simbolicamente, portanto, a terra encobre as raízes assim como o tempo encobre os antepassados. Ademais, desses *Vorfahren* não se possui fotografias que possam ser expostas nas “galerias” de retratos das salas de visitas, pois elas não existiam ainda.

O *Keim* constitui uma herança desses antepassados, isto é, a “seiva” da árvore, transmitida de geração a geração, da raiz aos ramos mais novos.

Das raízes da árvore emergem seus troncos, correspondendo, cada um deles, aos descendentes de um filho dos imigrantes. Esses filhos são denominados *die Alte* (os velhos) ou *die ganz Alte* (os bem velhos). Esses antigos são pensados como sábios, fortes e empreendedores. Representam uma idealização de um passado heróico, opondo-se aos velhos atuais, considerados fracos, teimosos e retrógrados. Deve-se observar que eles são considerados não apenas de um período antigo, em sentido histórico, mas como velhos enquanto pessoas, muito mais fortes que os velhos de hoje. Eram pessoas que, homens ou mulheres, trabalhavam na roça até “oitenta e tantos anos”. São eles que inauguram as “galerias” de retratos. São os consolidadores da cultura e os fundadores das *Stammhäuser* – as Casas-tronco –, seja enquanto edificações, seja enquanto linhas de descendência. Eram os organizadores dos grandes *Kerb*, festas da comunidade para as quais acorriam parentes de outras localidades e que constituíam o lócus da contratação de alianças matrimoniais. Nesses *Kerb* os parentes consangüíneos podiam ser redefinidos como casáveis. Os não-parentes convidados vinham para o *Kerb* já avaliados, quanto ao *Keim*, por um intermediário parente, como candidatos a um casamento com alguém da família.

“– Dava muito trabalho preparar um *Kerb*, mas valia a pena. Vinha a parentela (*Verwandschaft*) de tudo que era canto. Até de Lajeado (a mais de 100Km), a cavalo. A casa ficava cheia – era tudo parentes e amigos que os parentes traziam junto. Era aí que se atçava uns contra os outros.

– Como assim, atçar?

– Atçar era fazer com que um se interessasse pelo outro. Num *Kerb* se arrumava o namoro, no outro, o casamento estava marcado.”

As famílias-tronco, em geral concentradas em bairros rurais específicos ou vizinhos, constituem as unidades básicas do parentesco, entre as quais se realizam os casamentos. Diferenciam-se entre si, não só enquanto unidades distintas de parentesco, mas também por outros critérios, como o *status* sócio-econômico, proximidade com relação a núcleos urbanos significativos, distinção entre “picadas” fortes e fracas (constituídas por colonos fortes e fracos), número de religiosos fornecidos, à cada geração, às igrejas. Dizia um informante: “*Os Müller de Estrela são nossos parentes sim, são do Stamm de Müller’s Arthur. Só que nós somos os fracos e eles são fortes, porque têm mais terras e fazem queijo.*” Ambos os Müller, tanto os fracos, de Dois Irmãos, quanto os fortes, de Estrela, pertencem à mesma árvore, mas a distintos troncos, e são originários da mesma raiz.

“Todos os Klein são parentes, mas nem todos prestam. O tronco dos de Mundo Novo não presta. Tem um schlechter Keim desde o início: o velho Klein’s Balduin saiu daqui (Dois Irmãos) porque pegaram ele roubando na balança. Até ele não pôde mais ficar aqui. Os filhos dele, e hoje os netos, eu soube, são como ele. É um tronco podre, e tronco podre, já sabe: se corta para não apodrecer a parte boa.” (A família, isto é, o *stamm*, de Dois Irmãos, rompeu com esses migrados para Mundo Novo há cerca de 60 anos).

Os ramos da árvore são identificados com as famílias extensas, compostas, no mais das vezes, por três ou quatro gerações (4). Os frutos, ou sementes, são as pessoas; são considerados a parte frágil da árvore, notadamente na geração atual. Essa fragilidade surge em dois sentidos distintos: a instabilidade e a não-observância dos códigos tradicionais (muitos casamentos infringindo o código do *Keim*, o que faz prever, para o futuro, o comprometimento da prole e a continuidade da família), acentuados pela migração individual. A emergência da vontade individual, em detrimento dos interesses do grupo, conduz à dissolução do modelo. Em segundo lugar, referem-se a condutas morais negativas, como: “aquele é uma semente que rolou barranco abaixo”, relativo a um jovem que deixou a casa dos pais, casou com uma “estranha” e se envolveu em negócios obscuros na cidade. Ou então: “essa é uma flor onde o colibri já passou”, referindo-se a uma jovem “vívuda” que mora na cidade. Não há, nesses casos, referência a um “*Keim* ruim”, isto é, a uma herança da família, mas uma condenação a atitudes individuais, associadas a um espaço urbano. Essas pessoas “erraram” – apesar de não terem um “*Keim* ruim”, isto é, apesar de não serem ruins – porque foram para a cidade, e lá se perderam.

O termo “semente” também significa sêmen, como em outras culturas. Atribui-se a homem forte uma semente forte, que gera meninos, ao passo que uma semente fraca (atribuída também ao homem que atinge certa idade) só gera meninas. É também através da semente que se transmite o *Keim*. Há uma relação entre essa concepção e a representação cultural do herdeiro, pois este terá sido gerado por um pai ainda forte com uma semente forte, o que é fundamental para a reprodução, através das gerações, de uma *Stammhaus*. No entanto, um homem pode ser corporalmente forte (boa capacidade de trabalho) e, não obstante, ter uma semente fraca. É o caso de um homem definido como fraco pela esposa (apesar de grande e forte), por ter-lhe gerado cinco filhas e nenhum filho. Ressalte-se, portanto, que a “força sexual” de um homem é definida não só no plano da relação entre homem e mulher, mas também no plano da relação pai-filho (homem). Privilegia-se o desempenho social do homem gerador de herdeiro, mais do que o seu desempenho sexual enquanto marido.

Tal como em outras culturas, associa-se o ato sexual ao plantio agrícola, representando-se simbolicamente o homem como o plantador e como o arado, formando um conjunto. Homem/arado abrem o sulco e lançam a semente na terra, representada pela mulher. A ênfase masculina implícita emerge de forma clara: a semente se reproduz tendo como agente ativo o homem – o pai – e o agente passivo, a mulher – a mãe. Cabe ao homem dar continuidade à sua família, ao passo que à mulher cabe reproduzir a semente da árvore do marido, especialmente no que diz respeito aos filhos homens. Vale salientar, no entanto, que, para a boa semente frutificar, é imprescindível que ela seja colocada “em terra boa” (a família da mulher deve igualmente ser boa): “Não adiantou a semente ser boa, ele (o filho) foi escolher uma (mulher) de uma família com *Keim* ruim. Boa semente em terra ruim não dá nada” (homem referindo-se à origem de sua nora). O significado da esposa é fundamentalmente o de mãe, elemento necessário para a reprodução da *Stammhaus* do marido e de sua árvore como um todo. Como diz o di-



tado: "Não se deve perguntar se gostarias ou não de ter alguém como mulher, mas sim, se gostarias ou não se tê-la na tua família, como mãe de teus filhos".

A ênfase masculina também transparece no processo de escolha matrimonial. Ainda que o casamento seja mais uma questão da coletividade familiar, no plano da aparência é o homem que escolhe, enquanto a mulher é escolhida. Uma informante relatou que seu pai, depois de ter enviuvado, foi apresentado a uma família de "bom *Keim*" por um *Matchmaker*, primo da mesma. Pôde escolher entre as três filhas da casa e optou pela mãe da informante. Ele a visitou por três vezes, e, na quarta visita, realizou-se o casamento.

Se a semente de uma *Stammhaus* deve reproduzir a esta no próprio lugar, pois a concepção de Casa-tronco implica a noção de permanência e de localidade, ela deve igualmente se espalhar, pois assim reproduz as que permaneceram. As sementes que se espalham são os filhos que, abdicando ao patrimônio familiar, migram para a cidade ou para novas colônias, e, nestas últimas, irão replicar o modelo.

"*Tem semente nossa (da família em sentido amplo) até no Mato Grosso (migrados das 'colônias novas' do Alto Uruguai na década de 1950) e no Paraguai (parte destes últimos, migrados para este país na década de 1970). Em . . . (Colônia do Alto Uruguai, inaudível) tem que ver, tudo são nossos parentes.*

– *Como foi isso?*

– *O velho Lehn's Wilhelm (que era considerado um homem forte porque teve oito filhos e cinco filhas) comprou colônias (unidade de medida territorial) para cinco filhos e duas filhas, que foram para lá. Assim é que está certo: Keim bom com semente forte deve se espalhar."*

Se a árvore constitui uma orientação genealógica, um recorte que privilegia apenas os casamentos efetivamente realizados, a categoria *Keim* organiza os critérios para a escolha dos cônjuges, no interior das formas estruturais já abordadas em outro trabalho. Isto é, a escolha das pessoas dentro de categorias de parentesco. Implica, portanto, não só os cônjuges aprovados, mas também os rejeitados. O conceito de *Keim* é então um princípio que organiza a árvore.

A categoria *Keim* aproxima-se da noção de "seiva" da árvore da família ou da sua essência. Sem ser confundida com sangue em seu sentido material restrito, diz-se no entanto que o *Keim* "está no sangue" (*Steht im Blut*). Ele está no sangue, mas não é o sangue. O *Keim* pode ser interpretado como um princípio vital, através do qual se transmitem as características e potencialidades das gerações anteriores às atuais. Aproxima-se de uma "genética moral", cuja abrangência é contudo mais ampla.

O *Keim* de um colono dificilmente pode ser identificado logo na primeira infância, a não ser por alguma característica física marcada que sugira a associação com algum antepassado, como vemos no depoimento que se segue:

“É de se preocupar – ela tem os mesmos cabelos e as orelhas da Müller’s vovó (mãe do pai, já falecida). Espero que não tenha passado o schlechter Keim dela também.” (Ela era considerada desleixada e preguiçosa.)

Podem-se perguntar por que, então, essa informante casou com o seu marido, já que a mãe deste tinha “*Keim ruim*”, que poderia passar para a filha da informante. Ocorre que a informante era excepcionalmente feia, com poucas possibilidades matrimoniais. Por outro lado, é preciso ressaltar que a noção de *Keim* é manipulável – a informante poderia estar usando tal noção para atingir a sogra, numa relação (nora-sogra) sempre tensa no contexto da residência patrilocal.

Geralmente o *Keim* manifesta-se na adolescência ou na idade adulta. Mas pode, por outro lado, manifestar-se, como em alguns casos, já na velhice. Algumas de suas dimensões, como a moral, definem-se mais na maturidade, quando a pessoa deixa a condição de subordinada à autoridade dos pais para tornar-se chefe da família ou dona-de-casa. Se a autonomia então conferida abre um espaço social maior à “semente”, esse mesmo espaço cria a possibilidade da manifestação de dimensões do *Keim* antes ocultas na subordinação.

O “*Keim bom*” representa o encontro do “como se deve ser” como o “como se é”, dentro de uma perspectiva camponesa. Expressa a proximidade entre os ideais camponeses e a concretude vivida; a realização das expectativas que o grupo possui acerca de determinadas famílias através de um controle social contínuo sobre seus membros. Raramente, todavia, há referências explícitas ao “*Keim Bom*”. No discurso de nossos informantes, a noção de *Keim* só surgia com referência a alguém com “*Keim ruim*”. No entanto, o princípio do *Keim* é central para a organização das práticas sociais, notadamente as matrimoniais, ao nível da pessoa.

Contudo, “*Keim bom*” e “*Keim ruim*” não são categorias definidoras de famílias de forma absoluta. Toda família de “*Keim bom*”, possui as suas “fraquezas”, ou seja, aspectos negativos, mas socialmente tolerados e qualificados como males menores, atribuídos à natureza humana. Todas as famílias ou pessoas têm qualidades boas e más; a prevalência de umas ou outras constituirá o *Keim*, bom ou ruim. Dentre as qualidades que expressam um “*Keim bom*” temos, para o homem: diligência, capacidade de organização da unidade de produção, força física, prudência e iniciativa, cumprimento da palavra empenhada, senso de justiça, honestidade, ausência de vícios (bebidas, jogo e mulheres), obediência às regras da reciprocidade e ainda a conformidade a princípios de hierarquia, como respeito e obediência ao pai e ao representante da Igreja, e solidariedade para com os iguais (parentes e vizinho).

O “*Keim bom*” para a mulher inclui as qualidades já referidas para o homem e, além dessas, outras que dizem respeito ao seu papel de reprodução social da família, como, por exemplo, a parcimônia expressa no ditado: *“O homem pode trazer, de carreta, tudo para casa, pela porta da frente, que não adianta. Eles nunca chegarão a nada se ela, pela porta dos fundos, com o avental, atirar tudo fora.”*

A capacidade física e a diligência no trabalho são também indicadores de um “*Keim bom*”. Um marido, referindo-se ao “*Keim bom*” de sua esposa, dizia: *“Ela pode não ser bonita, mas eu digo uma coisa: eu solto ela em qualquer lugar, com a pior terra, que, em pouco tempo,*



ela tem uma horta e está colhendo os tomates e moranguinhos mais bonitos."

Higiene e capacidade de organizar seus próprios recursos e de reproduzi-los são fundamentais. Nesse sentido, apesar de sua subordinação ao marido, a mulher deve evidenciar a capacidade de gerar novos e mais recursos, em seu próprio domínio de atividades, de maneira a destinar parte destes às despesas da casa e ao enxoval das filhas. Critérios como beleza, inteligência, elegância etc. são secundários ou mesmo irrelevantes.

A percepção do *Keim* da mulher não implica apenas a sua individualidade, mas as implicações e perigos relativos à continuidade da árvore, da família do marido. Em vista disso, a escolha da cônjuge está longe de ser um ato de seleção individual; constitui uma decisão de família. É esta que irá decidir se um novo membro poderá ou não ser aceito. Há casos de ruptura com a família, envolvendo casamento com alguém de "*Keim ruim*". Nesses casos a opção individual também implica responsabilidade individual, em oposição à escolha construída pela família, que supõe uma responsabilidade coletiva desta. O filho que age "individualmente", não contará com o apoio da família, quando se manifestarem as conseqüências de sua rebeldia.

Como já dissemos antes, o *Keim* não tem um significado absoluto. Há família de "*Keim bom*", mas com manifestações de "*Keim ruim*", que são socialmente aceitas. É como se cada família ou pessoa tivesse seu lado positivo e seu lado negativo; aquele que predomina define o *Keim* da família. O melhor casamento é aquele entre pessoas de "*Keim bom*"; pelo contrário, o casamento entre duas pessoas de "*Keim ruim*" seria um desastre. O surgimento de um aspecto de "*Keim ruim*" em famílias de "*Keim bom*" é o que explica os casos de crianças excepcionalmente travessas ou portadoras de poli ou sindactilia, assim como a recorrência de certas "fraquezas" como diabetes, pressão alta ou surdez, manifestadas na maturidade ou velhice. Não há, nesses casos, uma apreciação moral. Outros exemplos seriam mulheres muito "faladeiras" ou homens muito "gargantas", defeitos que não os comprometem seriamente.

Por outro lado, o "*Keim ruim*" pode ser relativamente neutralizado com relação a uma pessoa específica através do processo de socialização, realizado principalmente pela família, mas também pela comunidade como um todo. Por exemplo, a preguiça pode ser combatida através do condicionamento da criança ao trabalho e de um controle constante da qualidade do trabalho. Por outro lado evita-se que o filho ou neto tenha contato com o parente de quem herdou o *Keim* ou com outro com o qual compartilha o *Keim* como tios ou primos. Também se procura evitar qualquer contato de uma criança com pessoas de "*Keim ruim*", mesmo que tal contato "devesse" se estabelecer. Assim, uma pessoa pode estar na posição estrutural certa para ser padrinho (Woortmann, 1985b), mas não será escolhida por causa de seu *Keim*. É melhor infringir o modelo estrutural do que contrariar o modelo moral. Por outro lado, pode-se manipular a noção de *Keim* para não se realizar um casamento que seria adequado desde o ponto de vista da aliança, mas que, por algum motivo, desagrada profundamente a um dos envolvidos. Da mesma forma, as afiliações políticas relativizam o *Keim*: o que para um correligionário seria uma "fraqueza", para um opositor é definido como sendo *schlechter Keim*.

Deve-se ainda considerar dois aspectos: uma pessoa não pode ser inteiramente responsabilizada por seus atos, quando estes derivam do seu *Keim*; trata-se de algo inerente à sua natureza, que a educação não conseguiu neutralizar. De outro lado, a educação pode neutrali-

zar as características de um *Keim* num indivíduo específico, mas não pode eliminá-lo. Este indivíduo continuará sendo transmissor deste *Keim* e, por isso, visto como perigoso.

Essa transmissão se dá de forma paralela, como se pode observar nos quadros a seguir. O homem transmite o seu *Keim*, o de seu pai, o do pai de seu pai e o do pai de sua mãe, ao seu filho, de forma direta. O de sua mãe, da mãe de seu pai e da mãe de sua mãe à sua filha, como “vetor” ou “hospedeiro”. Nele mesmo, todavia, não se manifesta o *Keim* de sua mãe ou de qualquer outro antepassado feminino. Já a mulher transmite o seu *Keim* e o de sua mãe, e de sua avó materna e paterna à sua filha, de forma direta, servindo de “vetor” do *Keim* de seu pai e demais ancestrais masculinos ao seu filho.

DIAGRAMA I

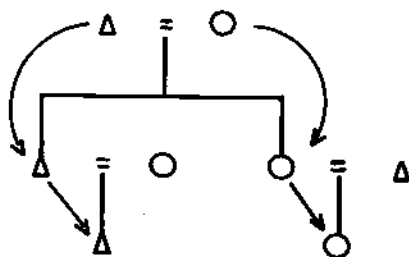
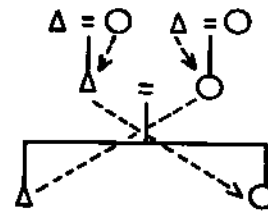


DIAGRAMA II



O Diagrama I expressa a transmissão paralela – de pai para filho e de mãe para filha, e o Diagrama II expressa a transmissão cruzada – de pai para filha e de mãe para filho. Nesta última situação, os “vetores”, isto é, *Keimträger*, nos quais o *Keim* não se manifesta, dada a associação entre o *Keim* e o sexo, são os responsáveis pelo surgimento de um membro com um *Keim* outro que não o geral atribuído à família. É o que pode explicar as “ovelhas negras” da família, ou mesmo a existência de um *Faulestamm* (tronco podre) numa árvore.

Há uma certa relação entre semelhanças físicas percebidas e imputação de *Keim* transmitido. Geralmente separa-se o aspecto físico daquilo que “a pessoa tem por dentro”, mas a semelhança física com um ascendente pode caracterizar a herança do *Keim*: se o filho tem “a cara do pai” ou a filha “a cara da mãe”, isto é, um indicador, ainda que não absoluto, de que herdaram o *Keim* do pai ou da mãe, respectivamente. Contudo, ocorrem também semelhanças físicas, por assim dizer “cruzadas”: o filho assemelha-se muito à mãe, ou a filha ao pai. No primeiro caso, diz-se que o filho “tem a cara do tio” ou que ele “é como o tio” (irmão da mãe); ou então busca-se a semelhança com o avô materno. No segundo caso, afirma-se uma semelhança com a irmã do pai. A preocupação em definir semelhanças físicas, como acima descrito, revela, tal como vimos no depoimento transcrito à página 28, uma preocupação com o *Keim*,



ainda que não haja uma relação necessária entre os dois. O que se está fazendo nos casos acima é transformar uma semelhança física "cruzada" numa possibilidade de transmissão paralela, através de um "vetor", do *Keim* (5).

O *Keim*, como qualidade herdada, pode, todavia, ser corrigido pela socialização – no caso, evidentemente, de um "*Keim* ruim". O depoimento que se segue indica essa relação entre herança e socialização corretiva, ao mesmo tempo que revela o peso atribuído à hereditariedade.

"Keim está no sangue mas também passa pelo exemplo. Se a filha herda o Keim de uma mãe, de uma vó gastadeira, e se cria com o exemplo da mãe em casa, ela só pode ser assim. Agora, se ela tiver esse Keim ruim mas for bem criada, ela pode dar uma boa dona-de-casa. Mas continua no sangue; exemplo só não resolve, porque o que está nos pais está nos filhos."

O indivíduo, portanto, pode ser modificado através de uma socialização corretiva (não deixando, todavia, de ser portador de seu *Keim*). Essa correção tem certas implicações, pois, dada a residência patrilocal (família extensa), e dada a ênfase patrilateral do sistema de parentesco, ela deverá ser realizada pela família do pai (nela participando todos os membros adultos do grupo doméstico). De um lado ela se realiza separadamente para meninos e para meninas. No primeiro caso, ela recai sobre o avô paterno e no segundo, sobre a avó paterna. Enquanto que, no primeiro caso, há como que uma continuidade na "linha de socialização", no segundo, há uma ruptura, já que a mãe da criança – esposa/nora no conjunto da família extensa patrilocal – é "alguém de fora". De fato, esta última é sempre vista como um perigo, podendo inclusive trazer consigo um *Keim* oculto. Novamente se vê como a categoria *Keim* pode ser manipulada, servindo aqui para reafirmar a ênfase patrilateral e a subordinação da esposa/nora.

O *Keim* de uma pessoa pode ser atribuído tanto à sua linha paterna quanto materna, pois vimos que, se há uma transmissão paralela, há também uma transmissão cruzada. Se o *Keim* é imputado à linha materna, o próprio padrão de residência patrilocal já afasta a criança do ambiente familiar da mãe. Mas ele pode também ser imputado à linha paterna, tanto com respeito a um menino quanto com respeito a uma menina. Poder-se-ia perguntar, então: se uma mulher se casa com um homem de "*Keim* ruim", porque não se inverte, nestes casos, o padrão residencial? Já vimos que, para alguém de "*Keim* ruim" se casar, alguma desvantagem terá que ser assumida, tal como uma hipogamia acentuada. No entanto, não observamos casos de inversão do padrão residencial. Não há, todavia, contradição envolvida no manter-se a residência patrilocal, pois o *Keim*, ou, mais especificamente, o "*Keim* ruim" não se revela de forma manifesta em todas as gerações. De fato, podem-se passar várias gerações até que ele torne a se manifestar. Conseqüentemente, o pai de um marido/pai com "*Keim* ruim" não terá necessariamente este *Keim* de forma manifesta, podendo, portanto, ser um agente socializador corretivo. O próprio pai da criança ou adolescente sobre a qual recai a suspeita pode não ter em si a manifestação do *Keim*.

Vejamos agora, brevemente, a relação entre a noção de *Keim* e as formas preferenciais de troca matrimonial.

As duas formas de casamento mais recorrentes são com a filha do irmão da mãe e com a filha da filha do irmão da mãe de um Ego masculino. Tais formas de casamento não são consideradas incestuosas, ainda que se trate de primos em primeiro grau. Conforme já analisamos em trabalho anterior (Woortmann, 1985b), os cônjuges pertencem a *Stammhäuser* (Casas-tronco) distintas, mesmo que no interior de uma mesma árvore, o que elimina o incesto. Por outro lado, há casamentos entre cônjuges que pertencem a árvores distintas, a depender do valor estratégico e das circunstâncias do casamento. A rigor, o incesto está ligado ao *Hof*, isto é, uma categoria que possui tanto uma dimensão espacial (conjunto casa-quintal) como se refere a uma organização social, isto é, a todos os membros do grupo doméstico, **sejam eles parentes entre si ou não**. Aproxima-se da noção francesa de *menage* camponesa, assim como do conceito de “sítio” no Nordeste, num dos vários sentidos expressos pela palavra (Woortmann, 1985) (6).

Os cônjuges, ainda que parentes, como no caso dos casamentos preferenciais, devem ter *Keim* distintos, ambos bons. De fato, não se pensa o *Keim* apenas como sendo bom ou ruim. Como já vimos, a rigor, todo *Keim* inclui componentes bons e ruins. Assim, por exemplo, ao tronco *A* atribui-se musicalidade, boa capacidade para cálculos e longevidade, mas também tendência a artrite, como sua “fraqueza”. Ao tronco *B* atribui-se força física, operosidade e porte grande, mas igualmente, como “fraqueza”, uma tendência à diabete (7). O casamento entre *A* e *B* envolveria então dois cabedais distintos mas igualmente bons. Em oposição, o casamento entre dois indivíduos com o mesmo *Keim*, ainda que bom, faria ressaltar as “fraquezas” que, nas gerações seguintes, tornar-se-iam muito acentuadas.

Já vimos que existem formas preferenciais de casamento. O casamento preferencial não se realizará, contudo, se uma família avaliar a outra como tendo *Keim* negativo, o que pode, inclusive, ser uma forma de fugir à regra preferencial em função de interesses específicos, redimensionando a prática matrimonial.

Há, todavia, outro significado na noção de *Keim*. Sendo ele transmitido paralelamente, por linha de sexo, o casamento com a prima cruzada não é pensado como incestuoso, pois envolve *Keim* diferentes – por assim dizer, “cargas genéticas” distintas. O princípio do *Keim* reforça, portanto, o de *Hof* e o de tronco. Portanto, **a noção de *Keim* é um dos elementos através dos quais se constrói o princípio do incesto**.

Nos casos que se seguem, apesar das diferentes relações de parentesco, tende a haver uma diferença de *Keim* entre os cônjuges. Se o casamento preferencial é aquele com a prima cruzada matrilateral, há outras formas também de ocorrência comum, e devemos lembrar que o casamento preferencial diz respeito, fundamentalmente, ao **herdeiro**, num sistema de transmissão de patrimônio que privilegia a ultimogenitura. Muito embora haja o que chamamos de uma transmissão “cruzada” do *Keim*, esta é pensada como menos provável que a transmissão paralela. Por outro lado, mesmo que o *Keim* possa permanecer não-manifesto por várias gerações, acredita-se que o filho tenda a herdar o *Keim* do pai. Os diagramas que se seguem consideram apenas a transmissão paralela.



DIAGRAMA III

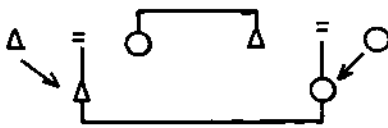


DIAGRAMA IV

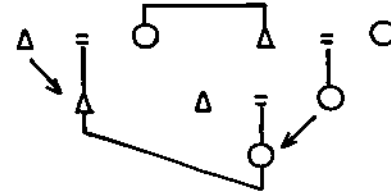


DIAGRAMA V

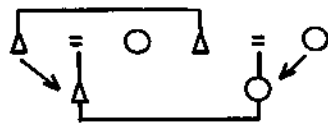
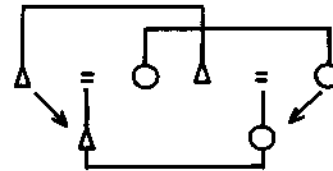


DIAGRAMA VI



A noção de *Keim* é utilizada ainda de uma outra maneira, quando pensada em relação à etnia. Neste contexto fala-se, não de um “*Keim bom*” ou de um “*Keim ruim*”, mas de “*Keim forte*” e “*Keim fraco*”, de maneira análoga à distinção feita entre os “antigos” e as gerações atuais. Neste sentido classificam-se não famílias, mas etnias, e, pelo mesmo critério, gerações. Os teuto-brasileiros possuem um “*Keim forte*”, enquanto que os “caboclos” possuem um “*Keim fraco*”. Mas a gradativa perda da tradição teuto-brasileira faz com que esse “*Keim forte*” esteja sofrendo um processo de enfraquecimento, o que explica para eles a decadência das colônias. Mesmo famílias de “*Keim bom*” são hoje fracas quando comparadas com seus antepassados. Um critério não elimina o outro, pois alguém pode ter um “*Keim bom*” mas fraco. A diminuição do número de filhos, por exemplo, enquanto um fenômeno global do grupo étnico, seria indicador desse enfraquecimento.

A noção de *Keim*, portanto, opera como princípio organizatório. Classifica pessoas e famílias segundo critérios morais; pode tanto estimular como provocar a evitação de contatos. É também um dos organizadores do casamento e, como tal, um fator que intervém nas alianças matrimoniais, assim como um dos elementos definidores do incesto. É ainda um dos componentes da etnicidade e da endogamia étnica, não apenas pela oposição “forte/fraco”, mas pela necessidade de conhecimento da genealogia do cônjuge. Finalmente, é um “explicador” histórico da transição de um passado de prosperidade para um presente de crise. Inclusive porque muito dessa crise é explicada pelo comportamento dos jovens. Este comportamento implica o desrespeito às regras; a migração por decisão individual, e mesmo o abandono do patrimônio; o casamento sem tomar em consideração o *Keim* do cônjuge, ou melhor, da família deste. As novas opções, características de um universo ideológico individualista, opõem-se a um princípio que nos parece organizador de um universo holista. O *Keim*, em resumo, é um ordenador do universo camponês, situando a pessoa – não o indivíduo – na família, e esta na parentela maior, o tronco, e da reprodução camponesa num contexto étnico, isto é, de uma alteridade étnica.

NOTAS

1. Nosso estudo foi realizado com colonos teuto-brasileiros numa das “colônias velhas” do Rio Grande do Sul. Não possuímos dados sobre a utilização do termo na Alemanha rural do século XIX, de onde provieram os colonos, e não sabemos se lá o termo tinha a mesma abrangência.
2. Nas últimas décadas foram organizados alguns encontros de famílias, visando reunir todos os parentes. A iniciativa foi de grupos ligados ainda ao universo camponês. Tais eventos revelaram um viés patrilateral, em larga medida como reflexo do padrão de nomeação (Woortmann, 1985) que torna mais facilmente identificáveis os parentes da linha paterna, assim como da própria concepção de parentesco que privilegia os parentes patrilineares em detrimento dos matrilineares.
3. Nesse período inicial da colonização, não havia cemitérios delimitados, ou os que existiam foram posteriormente desativados. Os cemitérios atualmente existentes foram, em sua maioria, organizados em meados do século XIX. É muito significativo que vários desses fundadores tenham sido enterrados ao pé de árvores frondosas, junto às raízes destas, e no interior do lote da família. A relação simbólica entre raiz e árvore “naturais” e “sociais” é evidente. Nestes casos, tal árvore constitui um marco histórico da família.
4. Num caso, excepcionalmente matrilinear, encontramos cinco gerações coabitando a mesma casa, oscilando, as idades, entre 93 anos e 8 meses.
5. Esta reconstrução de semelhança física – transferida para o irmão da mãe – reforça o vínculo sobrinho–tio materno, central para o sistema de parentesco (Woortmann, 1985b).
6. Também no grupo camponês estudado no Nordeste, era considerado incestuoso o casamento entre duas pessoas do mesmo sítio, ainda que o casamento preferencial fosse entre primos carnais. Vale notar que um de nossos informantes do grupo de colonos teuto-brasileiros aqui estudados é casado e mantém relações sexuais com uma agregada de seu grupo doméstico, isto é, com uma mulher que ocupa a posição de *Mad* (feminino de *Knecht*, servo). Este informante é considerado “bígamo” não por ter duas mulheres mas pelo fato de ambas pertencerem ao mesmo *Hof*. A situação é considerada bastante distinta daquela em que a “amante” vive em outra casa. A expressão “bígamo”, naquele contexto, envolve a idéia de incesto e de um pecado maior do que o simples adultério. Note-se que não é permitido o casamento com um *Knecht* ou com uma *Mad* do mesmo grupo doméstico.
7. As “fraquezas” tanto podem incluir características biológicas, como as acima mencionadas, como também morais, tais como ser “falastrão”, ser “garganta” etc. . São características negativas mas toleráveis.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. – 1972. Les Stratégies matrimoniales dans le système de reproduction. *Annales*, (4/5).
- – 1980. *Le Sens pratique*. Paris, Minuit.
- DUMONT, L. – 1957. Hierarchy and marriage alliance in South Indian kinship. *Occasional Paper*, London, (12).
- MADAN, T. N. – 1982. "The Ideology of the householder among the Kashmir Pandits". In: ÖSTOR, A. et al. *Concepts of person*. London, Harvard University.
- SAHLINS, M. – 1978. *Stone age economics*. London, Tavistock Publication.
- SIFERTH, G. – Herança e estrutura familiar camponesa. *Boletim do Museu Nacional: Antropologia*, Rio de Janeiro, (52).
- WOORTMANN, E. F. – 1985. "Parentesco e reprodução social". In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. *Ciências Sociais hoje, 1985*. São Paulo, Cortez.
- – 1985. *Família, matrimônio e patrimônio*. Águas de São Pedro. (Apresentado no Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 9, Grupo de Trabalho Família e Sociedade, Águas de São Pedro).

ABSTRACT – *KEIM* AND KINSHIP: CONSIDERATIONS ON A CULTURAL CATEGORY OF GERMAN-BRAZILIAN SETTLERS – In this study the author analyses the cultural category *Keim*, which can be translated as "germinative principle". The category classifies people, through families, defining them as *marriageable* or *non-marriageable*, according to they being carriers of a good or a bad *Keim*. In the conceptions of the study group – peasants of German origin in Rio Grande do Sul – *Keim* corresponds to the "sap" of the genealogical tree through which the families are organized in stem households. The category is fundamental for the understanding of marriage exchanges, that is, the possibilities of alliances as well as the endogamy of the group. By the opposing principles, strong and weak *Keim*, the peasants explain their present decadence as well as the general decline in the number of children.